

ENTRE MOURÃO E OLIVENÇA: O GUADIANA EM 1656 POR NICOLAU DE LANGRES

Francisco Bilou*

Quadro superior do Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo, em Évora



É licenciado em História, Ramo Património Cultural (1999) e Mestre em Arqueologia e Ambiente (2009), pela Universidade de Évora.

Depois de uma década ligado à ilustração e ao design gráfico nos quadros da Câmara Municipal de Évora, passou à carreira de Técnico Superior (1999) nas áreas da Educação, Património, Cultura e Turismo, onde exerceu o cargo de chefia.

É atualmente quadro superior do Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo, em Évora. Dedicar o seu tempo livre à investigação histórica, sobretudo à História da Arte do século XVI, que concilia com a sua atividade e primeira formação profissional na área da ilustração e desenho artístico.

É autor de vários livros e artigos sobre história local e de promoção do património cultural alentejano, alguns dos quais ilustrados e destinados ao público infante-juvenil. Mantém colaborações regulares com revistas temáticas e generalistas nacionais e assina uma crónica mensal sobre o património cultural luso-espanhol na revista extremeña Grada.

(*) Historiador de Arte. Técnico superior do Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo.

RESUMEN

A identificação na Biblioteca Nacional de França de uma desconhecida planta corográfica de Nicolau de Langres com a representação do troço do rio Guadiana, entre Juromenha e Mourão, datado de 1656, é aqui tema de análise tendo por objetivo melhor entender o protagonismo do seu autor, do seu destinatário (Joane Mendes de Vasconcelos), bem como melhor compreender o processo de construção do dispositivo militar de defesa desta parte do rio, do qual, aliás, se conhecem vários fortins, todos, à exceção de um (o do Porto das Carretas), posteriores ao levantamento desta planta.

UM DESCONHECIDO DOCUMENTO

No fundo de cartografia da Bibliothèque nationale de France encontra-se uma desconhecida planta corográfica de título bem sugestivo: “*Este Mappa se tirou por orden das Nõi Joanne M.es de Vascoallos Tenente g.^{te} de sua Mag.^{de} no anno 1656 pello Tenente g.^{te} Niculas de Langres*” [fig. 1].



Fig. 1 – Reprodução da planta de Nicolau de Langres de 1656.
Bibliothèque nationale de France, département Cartes et plans, GE C-5329.

Pese embora os erros de escrita, próprios de alguém pouco familiarizado no uso da língua, como era o caso do engenheiro francês, não há dúvida de que se trata de uma peça original, de alto valor histórico, representando um significativo troço do rio Guadiana, entre Juromenha e Mourão.

A existência de um outro desenho assinado por Langres, de 28 de junho 1657, com igual levantamento corográfico do Guadiana, desta feita à altura de Moura, reforça a ideia de que as defesas do rio foram alvo de cuidada atenção por parte do exército português, tendo em vista as operações militares que por esse tempo se preparavam, caso da tomada da vila de Mourão, sucesso de armas que ocorreu no outono de 1657.

OS PROTAGONISTAS

Natural de Évora e filho Luís Mendes de Vasconcelos, 55º Grão-Mestre da Ordem de Malta, Joane Mendes de Vasconcelos cedo se devotou à carreira de armas na senda de seu pai. Em 1625 embarcou para o Brasil com a missão de recuperar a cidade da Baía que os holandeses haviam, entretanto, tomado.

Dez anos depois, por carta régia dirigida ao Conselho da Fazenda, Joane Mendes de Vasconcelos era nomeado Mestre de Campo do socorro que o rei decidira enviar de urgência ao reino de Angola após a tomada da Paraíba¹. Em 1638, em carta enviado ao rei D. Filipe III pelo feitor de Angola, Diogo Lopes de Faria, dava-se conta da chegada do aguardado mestre de campo por ser *“muy temido e amado do gentio destes Reynos e he açaz desejado”*².

Já após a restauração da Coroa portuguesa, o Conselho Ultramarino fazia uma consulta ao recém aclamado rei D. João IV sobre a nomeação de pessoas para o cargo de governador e capitão-general de Angola, sendo um dos candidatos apontados ao cargo o mesmo Joane Mendes de Vasconcelos. Contudo, dois anos depois (1552) o seu nome acabava por ser retirado com a justificação de que ele, apesar de ser *“homem de grande experiência”*, ocupava já *“um cargo importante e (era) idoso”*³.

Essa sua experiência militar terá um justo reconhecimento nas campanhas militares do Alentejo após 1646. Neste preciso ano, a 28 de julho, *“foi Joanne Mendez de Vasconcellos Mestre de campo general, com tres mil infantes e mil e oito-*

(1) Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT), Arquivo Histórico Ultramarino (AHU)_CU_ANGOLA, Cx. 3, D. 253. É doc. de 29 de abril de 1635.

(2) ANTT, AHU_CU_ANGOLA, Cx. 3, D. 282. É doc. de 16 de março de 1638.

(3) ANTT, AHU_CU_ANGOLA, Cx. 5, D. 524.

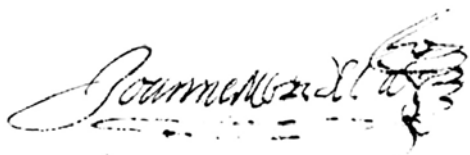
centos cavallos sobre a vila da Codiceira a qual entrou e rendeo o castello abrindo as portas com hum petrado e fes voar o castello com minas"⁴.

Já na qualidade de “Tenente General de Sua Majestade”, Joane Mendes de Vasconcelos obtém a sua maior coroa de glória com a tomada de Mourão, em 1657, cuja repercussão nacional se traduz de imediato na publicação do poema heroico *Mouram Restaurado* de Frei Manuel das Chagas⁵.

Motivado por esta vitória sobre as hostes espanholas, o irreverente (e irascível) Joane Mendes de Vasconcelos, agora no cargo de Tenente General da Província do Alentejo, recebe autorização da Coroa para cercar a cidade de Badajoz no ano seguinte. Apesar da controvérsia havida no Conselho de Guerra sobre a oportunidade desta operação militar, o objetivo estratégico foi assumido pelo rei D. João IV, estando em Évora: mobilizar um efetivo de 14.000 infantes, 3.000 cavalos, 20 peças de artilharia e 2 morteiros.

Depois do sucesso de Mourão, a expectativa de vitória era naturalmente grande. Contudo, só o forte de São Cristóvão acabou por ser tomado no contexto da operação militar⁶. O cerco a Badajoz acabaria por se prolongar por quatro longos meses, deixando, de parte a parte, um rasto pesado de vítimas.

Sem sucesso à vista, a 10 de outubro de 1658 chegaria o aviso de que um poderoso exército castelhano dirigido por D. Luís de Haro estava em marcha para socorrer Badajoz. Após alguma hesitação, Joane Mendes de Vasconcelos acabou por decidir por fim ao cerco e recuar para Elvas. Este infortúnio seria o fim amargurado da sua afamada carreira militar.

A handwritten signature in dark ink, likely from a 17th-century document. The signature is cursive and somewhat stylized, with a prominent initial 'J' and a long, flowing tail that ends in a decorative flourish. The ink is dark and the background is light.

Assinatura de Joane Mendes de Vasconcelos

(4) Biblioteca Nacional de España (BHD), *Relações manuscritas de Portugal desde o ano de 1643 até 1646* (Manuscrito), Mss/8187, fl. 73v.

(5) CHAGAS, Frei António das – *Mouram restaurado em 29 de Outubro de 1657, offerecido ao senhor Joanne Mendes de Vasconcellos, Tenente General da Provincia do Alemtejo*. Lisboa: oficina de Henrique Valente de Oliveira, 1658.

(6) MENESES, D. Luís de – *História de Portugal Restaurado*. Parte II, Tomo III, Lisboa, 1751, p. 97.

Por sua vez, Nicolau de Langres estava ao serviço de Luís XIII quando, em 1644, firmou contrato com o Embaixador português em França, Conde da Vidigueira (mais tarde Marquês de Nisa), para conceber as fortificações da fronteira do Alentejo. A historiografia considera-o o engenheiro militar mais importante da primeira fase da Guerra da Restauração.

Em 1645 trabalhou na fortificação de Elvas e no ano seguinte na fortificação de Campo Maior. Dois anos depois, ainda estando ocupado nesta última localidade, foi nomeado “engenheiro da provincia do Alentejo”, depois da morte do predecessor no cargo, João Cosmander.

Em 1651-52 teve o encargo da fortificação de Évora, na qual surge referido na documentação como *mestre de campo e engenheiro-mor*.

Em 1655, Langres foi a Moura para planificar as defesas provisórias da vila, bem como dar corpo à primeira linha de fortificação do Guadiana.

Acabará por desertar do exército português, passando a servir a Coroa espanhola. Já nessa condição intervém no ataque a Juromenha, que ele próprio havia ajudado a fortificar, morrendo três anos depois na batalha de Montes Claros.



Desenho e assinatura de Nicolau de Langres

A ANÁLISE DA PLANTA DE NICOLAU DE LANGRES

Do ponto de vista do rigor cartográfico, a planta de Langres tem evidentes limitações, sobretudo se cotejada com a moderna cartografia. Trata-se de um exercido de leitura fisiográfica bastante genérica de um território, em larga medida, inóspito e inacessível. Todavia, percebe-se nos detalhes que foi visitado em toda a sua extensão: a representação do número de afluentes do Guadiana, as *retortas* (voltas mais pronunciadas) do rio, as azenhas, portos e sobretudo a cartografia da *Várzea da Ordem* (dita *Várzea Redonda* no século XVIII, o que, de resto, se aproxima mais da sua configuração na planta de Langres), indicam claramente tratar-se de um trabalho feito com o melhor rigor instrumental da época. A localização dos moinhos de água, a maioria coincidentes com pontos de passagem do rio, bem como o elenco toponímico, aliás, muito correto e completo, também são um excelente sinal da qualidade deste levantamento topográfico [Fig. 2].

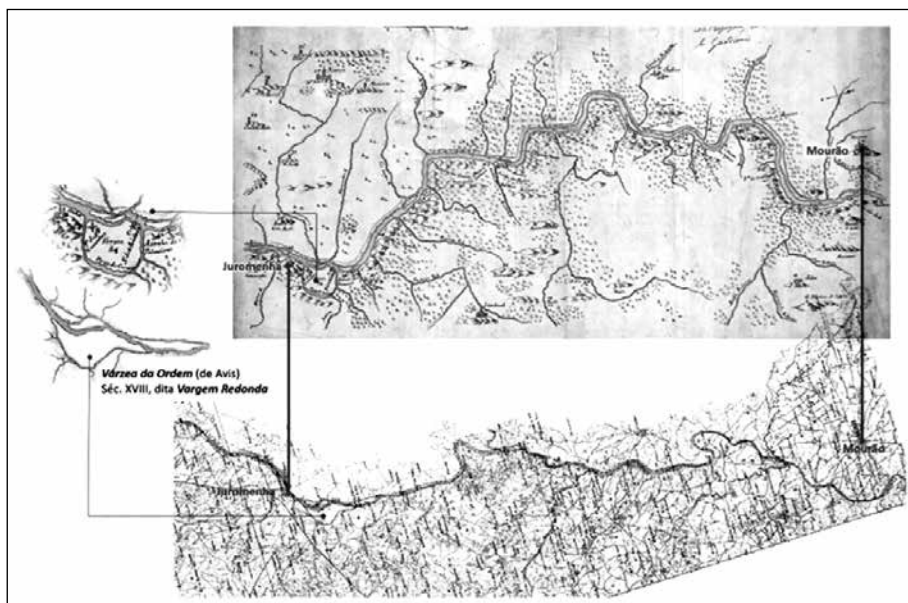


Fig. 2 – Cotejo da planta de Langres com a moderna cartografia militar. Destaque para a representação da *Várzea da Ordem*, conhecida também por *Várzea Redonda*, junto a Juromenha.

Por outro lado, a planta mostra um dispositivo militar em ambas as margens do rio, a maioria de origem tardo-medieval, constituído por atalaias, algumas das quais referidas pelo seu nome comum, bem como de fortins, estes claramente seiscentistas. Mas, nem todas as atalaias são anteriores ao século XVII. Pelo livro de vereações do município de Elvas do ano de 1655-56 sabe-se que Nicolau de Langres também se ocupou deste tipo de fortificação mais ligeira que, além de ponto de observação privilegiado do território envolvente, também tinha uma função de recolher cavalos e gado em caso de necessidade, como se comprova:

“Accordaram que em razão do desenho feito por Nicolau de Langres, atras escrito, para efeito de se fazer a atalaia na defesa d’Almeida (Santa Eulália) (...) E a atalaia se fara na forma do rascunho (debuxo) do dito Nicolau de Langres, que será na forma e conformidade que n’ella se possa recolher gado e cavalos, e o mais que for necessário”⁷.

Contudo, o que mais importa à história da fortificação do Guadiana protagonizada por Nicolau de Langres e Joane Mendes de Vasconcelos é a defesa do conhecido *Porto das Carretas*. Trata-se, sem dúvida, do primeiro fortim construído de raiz na defesa do Guadiana, justamente numa das principais linhas de circulação de “comboios” (colunas militares) e de todo o género de mercadorias de que o topónimo “carretas” é, aliás, bem esclarecedor. Note-se, contudo, que este fortim, coincidente com o sítio da Ferrarias, não foi encontrado nos trabalhos de levantamento arqueológico promovidos pela EDIA no âmbito do enchimento da albufeira de Alqueva [Fig. 3].

(7) D’Almada, Vitorino – *Concelho d’ Elvas*, Tomo I, p. 317; Arquivo Municipal de Elvas, Livro 6. das próprias, fl. 112-118.

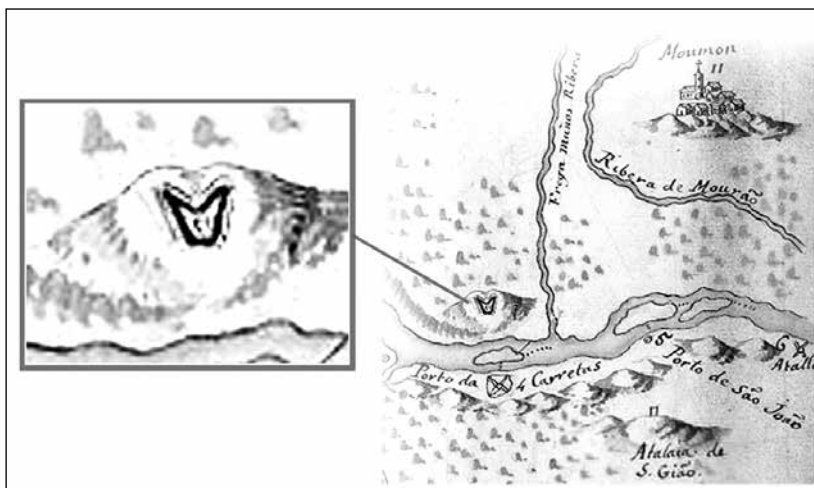


Fig. 3 – Trecho da planta de Langres na zona do Porto das Carretas, perto de Mourão, com destaque para a presença do fortim no sítio das Ferrarias, desaparecido, primeira estrutura abaluartada de defesa da passagem do rio nesta zona do Guadiana.

Sequente a esta fortificação junto ao Porto das Carretas é a de Santo Ildefonso, na margem direita do rio. Este fortim, ainda sobrevivente, foi umas das estruturas militares intervencionadas por ocasião do levantamento do património arqueológico do regolfo da albufeira de Alqueva, em 1999 [fig. 4].

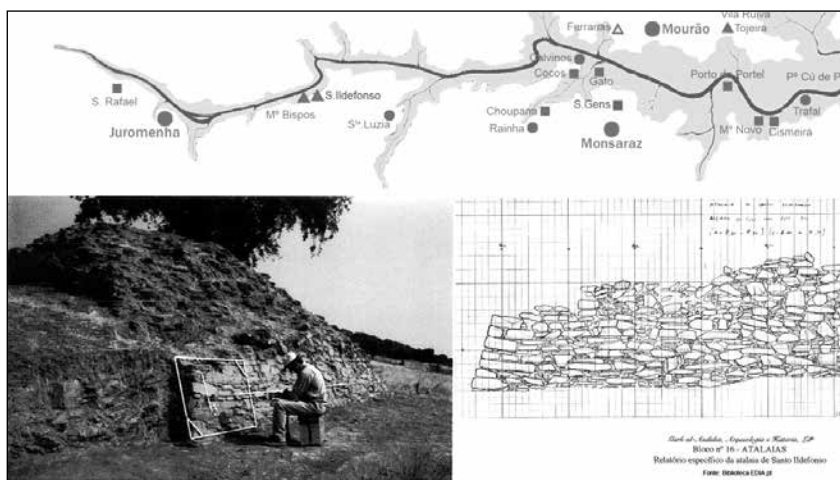


Fig. 4 – Fortim de Santo Ildefonso na margem direita do Guadiana. Localização, foto e desenho do levantamento arqueológico. Fonte: Relatório específico da atalaia de Santo Ildefonso, Bloco n.16 – Atalaias da responsabilidade técnica do Dr. Fernando Branco, Biblioteca da EDIA.

Deste levantamento arqueológico resultou a contabilização de 24 estruturas militares, entre estruturas de planta circular ou quadrangular (a maioria, genericamente designadas por atalaias) e de desenho troncocónico, este característico da fortificação moderna e por isso datável da segunda metade do séc. XVII [Fig. 5].



Fig. 5 – Planta geral das fortificações e atalaias do Guadiana. Fonte: SILVA, António Carlos, PERDIGÃO, José – “Atalaia do Termo de Monsaraz, novos dados para o reconhecimento do sistema defensivo do Guadiana, durante as Guerras da Restauração e Sucessão de Espanha (1641-1715)”. *Cadernos de Cultura de Reguengos de Monsaraz*, n. 1, 1977, p. 150. Desenho adaptado e colorido pelo autor.

No entanto, a planta de 1656 é mais do que um simples documento histórico de análise geopolítica e militar. Do ponto de vista socioeconómico, e mesmo etnográfico, não pode deixar de ser referido o elenco toponímico dos moinhos de vento e de água (azenhas), estas, símbolo por excelência do rio Guadiana neste passo pelo Alentejo e Extremadura espanhola, bem como os portos de passagem do rio, a maioria coincidentes com os paredões para retenção da água associados às estruturas moageiras. No quadro seguinte coteja-se a informação recolhida por Langres em meados do século XVII com aquela que a historiografia foi registando ao longo do tempo, fazendo-se notar com sublinhado de cor a prevalência dos topónimos ao longo do tempo⁸.

(8) Para esta análise toponímica dos moinhos de água no Guadiana seguimos o recente contributo de Manuel Branco na edição dos Forais do Alandroal, Terena e Juromenha.

Séc. XIV

Azenha da Palmeira

1656

Porto do Moinho de Bras Panilho
 Porto das Carretas (Juromenha)
 Porto dos Arieiros
 Azenha da Palmeira
 Porto da Perdigoa
 Porto do Moinho da Abóbada
 Porto dos Angarilhos
 Moinho Novo
 Moinho da Aldonça
 Moinho dos Mociços
 Moinho do Caneiro
 Moinho de Antão Vaz
 Moinho das Beatas
 Moinho dos Alvares
 Porto da Serva
 Porto dos Açudes
 Azenha d'el Rei
 Porto de Maruto
 Porto de Miguel Jorge
 Porto de Vale das Eguas
 Moinho de Miguéis
 Moinho da Volta
 Moinho de Mansanes
 Porto de Don Diego
 Porto do Caneiro
 Moinho do Gato
 Porto das Carretas (Monsaraz)
 Porto de S. João
 Moinho da Atalaia

1729/1762

Moinho do Calvino
 Moinho do Roncão
 Moinho do Gato
 Moinho da Volta
 Moinho de Miguens
 Moinho do Morgadinho
 Moinho Novos de Dentro
 Azenha da Cinza
 Azenha de El Rei
 Azenhas de El Rei de Dentro
 Moinho do Azevel

Séc. XX

Moinho da Palmeira
 Moinho do Rodete
 Moinho da Abóbada
 Moinho dos Bispos
 Moinho dos Mociços
 Moinho del Tio Justo
 Moinho dos Clérigos
 Moinho das Beatas
 Moinho de Verjana
 Azenhas d'El Rei
 Moinhos do Bolas
 Moinho da Cinza
 Moinho Novo de Cima
 Moinho Novo de Baixo
 Moinho da Moimhola
 Moinho de Miguéns
 Moinho da Volta
 Moinho de Manzanes
 Moinho del Escobedo
 Moinho del Porras
 Moinho de Calvins
 Moinho do Gato
 Moinhos de Mendonça
 Moinho de Cordeiros
 Moinho de Valadares
 Moinho Novo

**ELENCO TOPONÍMICO DE
 PORTOS, MOINHOS E
 AZENHAS**

EM CONCLUSÃO

Não ficando esgotada aqui a análise à suas diversas particularidades co-
 rográficas, bem se pode dizer que este documento agora revelado é de uma
 grande importância histórica, seja do ponto de vista militar, seja do ponto de
 vista toponímico e etnográfico.

Em todo o caso, recordando tempos de guerra, de sacrificio e de sofrimen-
 to, não deixa de fazer parte da identidade cultural dos povos raianos desta
 parte do Guadiana.